

Dois Amores e um Bicho

Gustavo Ott

Trad:

Marialda Gonçalves Pereira

ADVERTÊNCIA: Todos os Direitos para montagem no Teatro, Rádio, Cinema, Televisão ou Leitura Dramática estão reservados tanto para Companhias Profissionais como Aficionados. Os Direitos e permissões devem ser obtidos através da ABRAMUS. Todos os direitos reservados. Estão especialmente e terminantemente proibidos os seguintes atos sobre esta obra e seus conteúdos: a) toda reprodução, temporária ou permanente, total ou parcial, por qualquer meio ou qualquer forma; b) a tradução, adaptação, reordenação e qualquer outra modificação não autorizada pelo autor através de seu agente; c) qualquer forma de distribuição das obras ou cópias da mesma; d) qualquer forma de comunicação, exibição ou representação dos resultados dos atos a que se refere a alínea “b”; e) fica expressamente proibida a utilização de outro nome que não seja o do autor como responsável por esta obra, em especial, as formas “versão de” ou “adaptação de”, já que o autor é proprietário de 100% dos direitos destas obras. As mudanças de linguagem, contextualização acerca das distintas culturas, cortes, incluso de palavras, improvisações, modificações de cenas ou personagens etc., formam parte da dinâmica de trabalho do teatro atual por parte de diretores e atores, mas não dá precedente em nenhum caso a entender o espetáculo como “versão” ou “adaptação” deste original. As adaptações serão permitidas quando se trata de um gênero ao outro (do teatro para o cinema, por exemplo), mas sempre sob a autorização do autor através de seu agente, ABRAMUS. A infração destes direitos poderá acarretar a utilização de ações judiciais cabíveis que em Direito aja contra o infrator ou os responsáveis pela infração. Os Direitos destas peças estão protegidos pelas leis de Propriedade Intelectual em todo o mundo e devem ser solicitados pelo autor. (www.gustavoott.com.ar) ou a seu representante da ABRAMUS e SGAE.

Trad: Marialda Gonçalves Pereira
55 41 9981.2358
Curitiba, Brasil
mada100@hotmail.com

GUSTAVO OTT
gustavott@yahoo.com
www.gustavoott.com.ar
® TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
Sociedad General de Autores de España-SGA
c/Fernando VI, 4. (28004). Madrid, España.
Tel: (34-91) 3499550 Fax: (34- 91) 3102120
www.sgae.es

1

Macacos

Jaula dos macacos / Antes

O cenário é um zoológico, mas também são várias jaulas e a sala de uma casa. A cena se "move", com os tempos e imagens. Três cadeiras e um televisor são os únicos objetos em cena.

Carol (*para o público*) – A jaula dos macacos me lembra que há 15 anos meu pai esteve preso por 40 dias e teve que pagar uma multa de 5 mil dólares.

Pablo – Nada do que se envergonhar, aliás. Um castigo curto, um dinheiro que tinha guardado para minhas coisas. Os advogados trabalharam muito rápido, para que não lhes complicasse a vida.

Karen – Os advogados te recomendaram o melhor: ficar calado. Ainda que ele insistia sempre no pior.

Pablo – Queria explica o caso para a imprensa.

Carol – Mamãe, para minha surpresa, queria falar como um papagaio.

Karen – Apesar de que ele falava pelos dois. Pelos três, porque também falava pela vítima.

(Carol segura uma cesta com frutas. Senta-se ao lado do pai.)

Carol – Nós o visitamos sete vezes durante esses 40 dias e para ele pareceu pouco.

Pablo – Já não me querem nesta casa!

Carol – Na primeira visita entrei chorando. Eu o vi e não fiz mais do que

chorar. Não porque se tratava de uma prisão, na verdade era uma delegacia ou algo parecido. Mas sabia que papai devia estar sério, mamãe triste e eu chorona.

Pablo – Você tinha oito anos!

Carol – Tinha nove anos.

Pablo – E ainda não tinha todos os dentes!

Carol (*chateada*) – Não me faltavam dentes!

Pablo – Eu gostava de suas visitas, não só porque me traziam presentes, mas também notícias, fofocas, histórias que os outros contavam.

Carol – Eu levei chocolates e um livro que ele queria ler. Não demorou muito e eu o visitava como alguém que estava no trabalho, com seus amigos. Mamãe estava feliz porque os dias passavam rápidos. Mas isso foi há 15 anos e eu lembro de tudo em câmera lenta.

Entre eles.

PABLO - Sentiu muita saudade, meu amor?

Carol – Muita, papai. Será que vão te levar de novo pra aquele lugar?

Pablo – Não se eu me comportar.

Karen – Papai vai se portar bem porque ele sempre se comporta e o que aconteceu foi só um mal entendido. Entendeu Carolina?

Carol (*feliz*) – Sim! Bem-vindo papai! (*abraça-o*)

Pablo – O que vocês estão pensando? Que sou um criminoso?

(Pablo abraça sua filha, feliz.)

Carol (*para o público*) - Passou o tempo e eu completei 24 anos.

Pablo (*orgulhoso, como se falasse com amigos*) – Se formou em Veterinária.

Karen (*orgulhosa, como se falasse com amigos*) – Trabalha para o Zoológico Municipal

Pablo – Um bom trabalho, um bom ambiente e na sua área.

Karen – Foi promovida para a Clínica Principal.

Pablo – Cuida de todos os animais e os colegas a admiram muito.

Karen – Pagam mal, claro.

Pablo – Mas ela está feliz

Karen – Talvez se case logo.

Pablo – Casar é para depois dos 30. Ela é muito jovem.

Karen – Está com ciúmes.

Pablo – E você que morre para ter um neto.

Karen – Não deixa de chamar o pai para que ele lhe conte histórias.

Pablo – O que ela mais gosta é de sair com a mãe para fazer compras.

Karen – Está adulta e muito bonita.

Pablo – Uma gata. E fala pelos cotovelos.

Karen – Pois é! Só quer falar!

Pablo – Bem, você sabe como são os recém-formados.

Karen – Falam.

Pablo – E não deixam ninguém falar.

Karen – É que as universidades ensinam a falar.

Pablo – E a sempre ter razão!

Carol aparece carregando seu uniforme do zoológico, como uma médica.

Carol – Numa terça-feira à tarde, há alguns meses, meus pais foram ao zoológico para comemorar meu primeiro ano de trabalho.

Pablo (*Cumprimenta-a segurando um saco gigante de amendoim*) – Carolina, filha, estamos aqui!

Carol – Passamos o dia brincando e rindo muito, como sempre.

Karen – Estávamos nos divertindo na jaula dos macacos.

Pablo – Estávamos superfelizes, em frente à jaula dos macacos,

Karen - Era uma linda tarde e os macacos estavam brincalhões.

Pablo – E felizes porque eu joguei para eles um saco gigante de amendoim (*faz a cena e observa como um menino como os macacos lutam pelo saco*) Olha! Veja como o grande carrega os amendoins! E o de rabo branco corre atrás! Ra ra ra rá!

Carol – E eu estava feliz com meus animais e meus pais em uma tarde de terça-feira quando não tem muita gente.

Karen – Então, olhando os macacos e nada mais.

Pablo – Alguém fez um comentário

Karen – Sobre as jaulas dos macacos.

Pablo – Alguém apontou para algum lugar.

Carol – Alguém disse que olhássemos para um lado.

Karen – E alí estava ele.

Pablo – O orangotango.

Carol – Em quarentena.

Karen -Preso.

Pablo - Encerrado

Karen – Um orangotango que estava separado dos demais.

Pablo – Em uma jaula especial, suja.

Karen – Por que colocaram ele ali? — ele ia perguntar.

Pablo – Que foi que ele fez? – pensou ela.

Karen – Mas em vez de deixar em paz o orangotango e continuar escutando as histórias de nossa filha.

Pablo – Eu reconheço, fui a causa do que aconteceu a seguir

Karen – Porque o bobão perguntou.

Pablo (*perguntando*) – o que foi que ele fez?

Karen – E ela, sabichona, respondeu.

Carol (*respondendo*) – Se portou mal.

Karen – Te juro que pensei que a resposta nos levaria ao fundo do poço.

Pablo – Confesso que nesse momento me senti um pouco incômodo.

Carol – Te garanto que tentei controlar minhas palavras.

Karen – Mas as palavras não se controlam.

Pablo - As palavras têm esta capacidade para sair e te controlar.

Karen – E destruir tudo.

Pablo – Deveriam eliminar as palavras, ou censurá-las ou fazer algo com elas para que deixem de ferir e machucar pessoas inocentes.

Karen – Palavras? Você quer dizer facas, monstros...

Pablo – As palavras, malditas palavras.

Karen – Porque foi com palavras que meu marido fez a pergunta que ninguém queria que fosse feita.

Pablo (*perguntando*) – Por que se portou mal?

Karen – E acrescentou

Pablo (*acrescentando*) – O que foi que ele fez?

Karen – E então...

Carol – Então, quando eu ia explicar.

Pablo – Quando fiz cara de “quero aprender, por favor minha filha, mostre-me”.

Karen – Nesse mesmo momento.

Carol – Disse a ele que o orangotango estava de castigo porque havia molestado outro macaco.

Karen – E eu, assustada, quis mudar o tema da conversa.

Carol – Quando disse “molestado”, juro que ia dizer outra coisa.

Pablo – Mas Pablo disse sua frase apoteótica. A frase que terminou por direcionar todas as nossas palavras e olhares e almas ao que não devíamos olhar jamais.

Carol – Papai disse então aquela frase que detonou tudo.

Pablo – Eu disse..

Carol – Disse...

Karen – Disse...

Pablo – Como se percebe que o homem descende do macaco.

Karen (*incomodada*) – O homem vem do macaco!

Carol – (*desconfiada*) - O homem do macaco?

Karen – Nem mais nem menos,

Carol – E foi assim que...

Karen – Nessa terça-feira à tarde, um dia com toda a cara de terça-feira, quando visitamos nossa filha no zoológico, seu lugar de trabalho, e passamos uma tarde agradável em família em frente à jaula dos macacos onde havia 13 chimpanzés e um orangotango preso em uma jaula especial.

CAROL – Um orangotango triste e grande,

Pablo – Jovem, mas envelhecido.

Karen – Com cara de poucos amigos.

Pablo – Porque nada mais tem sentido para ele,

Karen – Um orangotango preso.

Pablo – Muito parecido comigo.

Karen – Porque era óbvio que, de cara, vendo o macaco, um orangotango antecedente do homem – mas com certeza não das mulheres – um macaco enjaulado e castigado por ter molestado um outro macaco.

Carol – me veio então à mente aquele episódio quando papai esteve preso por 40 dias e teve que pagar 5 mil dólares de multa.

Karen – Claro, natural. Do orangotango ao seu pai.

Pablo – Eu caminhava convenientemente na direção da jaula dos camelos.

Karen – Tentei ir em direção ao cercado das zebras.

Pablo – Lembro que eu disse em voz alta que queria ver os aracnídeos.

Karen – Falei das virtudes da hiena.

Pablo – Apontei para os lagartos e seus 80 dentes, mas ela.

Karen – Mas ela.

Pablo – Não deixou o tema passar.

Carol – E foi quando eu perguntei

Pablo – À queima-roupa,

Karen (imita sua filha) – Papai, por que te prenderam àquela vez?

Ao longe, barulho de macacos que brigam. Um deles lança de volta o saco de amendoim vazio, em forma de bola, que acerta Pablo,

Carol – Papai ficou como se estivesse em coma. Logo mamãe me olhou e disse.

Karen – Não pergunte bobagens! Papai nunca esteve preso.

Carol – Estava mentindo.

Karen – De onde você tirou a idéia de perguntar, depois de tantos anos, sobre esse incidente desagradável?

Carol – Mamãe, não me trate como uma menininha.

Karen – Você não é uma menininha, por isso te digo que papai...

Carol – Fiz uma pergunta e volto a repetir. E quero que me respondam! Agora é muito, muito sério. Por que esteve preso, papai?

Pablo – Filha, onde estão os pandas? Quero ver os pandas. São tão fofinhos,

Carol – Por que você esteve preso?

Karen – E então, a segunda surpresa do dia: Pablo respondeu.

Pablo – Filha, há 15 anos eu fui preso...

Karen – Respondeu com a verdade.

Pablo – Porque matei um cachorro.

Carol – Matou um...?

Karen – Essas coisas estão no passado e já nem lembramos.

Pablo – (*sério*) Matei a pontapés. Numa tarde de 24 de dezembro matei um cachorro a pontapés. Se chamava General. Por isso me levaram para a delegacia. Houve um julgamento rápido e me deram 40 dias de prisão preventiva.

Carol – Como pôde matar um cachorro?

Pablo – E 5 mil dólares de multa.

Karen – Basta, Carolina! Você está estragando a nossa tarde, filha,

Carol – Ca ...ca... ca..., e que cachorro era esse? Era o cachorro de alguém ou era de rua? De que tamanho era? Por que estava com a gente? O que ele nos fez?

Karen – E além do mais

Carol – E além do mais....

Karen – O mais importante...

Carol - Por quê?

Karen – Isso (*imita-a*), por quê?

Carol – Por que você matou o cachorro?

Barulho de macacos. Ao público.

Pablo – Eu sempre soube que essa menina ia ser impertinente. Desde pequena não ficava calada. Sempre respondia. Tão parecida comigo.

Karen – Acusar a seu pai de uma maneira que nem eu jamais fiz!

Carol – Eu os via e começava, mais do que entendê-los, a conhecê-los.

Conhecia com facilidade minha mãe e meu pai, quem eram e porque faziam o que faziam. Nunca antes me havia feito essa pergunta: Eu os conheço? Posso dizer o que pensam, no que acreditam, as idéias que defendem, como são?

Pablo – Os filhos são uma ameaça que se deixa no ar. Uma ameaça que nunca termina de se concretizar, que se joga contra alguém e com vergonha desejamos esquecê-la, mas já é tarde. Estão ali para sempre.

Karen – “Sempre” é algo muito curto, “sempre” é dessas coisas que têm seus dias contados.

Pablo – Que pede uma solução final.

Karen – “Sempre” é tão breve.

Pablo – Que nem sequer parece uma palavra.

Karen – Apesar de ser grave

Pablo – E nada exdrúxula.

Karen – Mas já não podíamos fazer nada.

Pablo –Mudar de assunto, porque anunciaram algo pelos altofalantes do zoológico, que os macacos que mexeram.

Karen- Que fizeram macacadas.

Pablo – Que o orangotango havia desmaiado.

Karen – Os macacos nunca fazem macacadas quando a gente precisa.

Pablo – Eles ficaram, sim, quietos, escutando nossas palavras, malditas palavras. Como que contendo suas brincadeiras.

Karen – Como que dizendo: isto está ficando bom.

Pablo – E isso que o olhei direto nos olhos.

Karen – E isso que eu a segurei pelo braço.

Pablo – E isso que desviei o olhar e olhei para o vazio.

Karen - E isso que a pausa foi uma tormenta.

Pablo – E isso que o silêncio não nos deixava ouvir o ruído.

Karen – E com tudo isso.

Pablo – A menina do papai.

Karen – Minha única filha.

Pablo – A muito infeliz.

Karin – Não viu nenhum problema em fazer de novo essa pergunta que eu nunca me atrevi a fazer.

Carol – Papai, por que você matou o cachorro?

Barulho de macacos. Pausa curta, ao público.

Pablo – Parece que quando um cachorro morde alguém não é notícia, mas se alguém morde um cachorro então a coisa muda.

Karen – Agora, se um cachorro mata alguém é notícia até para as paredes, mas se você mata um cachorro não é notícia.

Pablo – A menos que...

Karen – A menos que você tenha uma razão extraordinária.

Pablo – Uma razão especial.

Karen – Melhor, uma razão ultrajante.

Carol – Papai.

Pablo – Uma razão sempre é uma arma poderosa.

Carol – Por quê?

Karen – Uma razão que ganhe as manchetes na imprensa.

Carol – O que ele te fez?

Karen – Porque a razão que o meu marido teve para matar esse poodle-yorkshire terrier de cinco anos chamou a atenção dos curiosos num dia em que, na verdade, havia outros assuntos de interesse que não interessavam a ninguém. Nesse dia, a notícia foi a bomba que explodiu na escola, destruindo toda a frente do edifício, deixando um buraco como se fosse uma cratera lunar e mais de 230 mortos: 134 crianças, 53 professores, 22 pais e responsáveis, 10 empregados e 11 adolescentes que esperavam seus irmãos, seus sobrinhos, seus namorados, pela vida que estava por chegar e que nunca chegou.

Pablo – Mas essa notícia não era importante.

Karen – Não, o importante era que meu marido confessou as razões pelas quais havia decidido acabar com a vida do cachorro. Um cachorro que, diga-se de passagem, era caríssimo e que, pra completar, nos custou ainda mais caro depois de morto.

Carol – Era nosso cachorro?

Karen – Era o cachorro dele.

Carol – O cachorro do papai?

Karen – Ele comprou, criou, ensinou os primeiros truques e ele mesmo matou-----

Pablo – Tinha o direito de fazer com ele o que quisesse porque ele era meu.

Carol – Agora mesmo vai me contar essa história, papai! Por que matou o cachorro?

Barulho dos macacos. Pausa curta.

Pablo – Minha filha me olha.

Karen – Que quase não nos olha.

Pablo – Uma filha que me olha e um orangotango que me olha também. Por

que hoje? Sério, minha filha, o que te importa?

Karen – Se você passa o ano todo envolvida com as tuas coisas.

Pablo – Seus amigos, suas amigas e saídas noturnas e a moda

Karen – Envergonhando-se da camisa que o teu pai escolhe, da cor dos meus sapatos e o estilo da minha roupa.

Pablo – Da cor das nossas persianas, do papel de parede, do carpete da sala, do livro sobre o criado-mudo.

Karen – E ainda tem coragem de perguntar.

Pablo – Frente à já famosa jaula dos macacos.

Carol – Por que o matou, papai? O que aconteceu?

Barulho dos macacos se mistura com cachorros. Pablo vai para o lado e reconstitui a cena do assassinato do cachorro.

Pablo – Os vizinhos gritavam (*chutando o cachorro*), mas eu não escutava.

Karen (*como vizinho*) – “Senhor, não bata mais neste pobre bicho”,

Carol (*como vizinho*) – “Vai matar o cachorro”.

Karen – “Já está quase morto”.

Carol – “Deixa ele em paz!”,

Karen – Tá arrancando as tripas!”.

Carol – “Ele está sem ar!”.

Karen – “Já não serve para nada!”.

Pablo – No meio da gritaria alguém chamou a polícia e a polícia chegou, e logo atrás a imprensa. Eu deveria estar surrando o cachorro por muito tempo porque eles demoraram 20 minutos para chegar, então, então, então quando escutei as sirenes me dei conta do que estava fazendo e, claro, já era muito tarde porque o pobre do bicho estava morto. Deixei de surrá-lo por um

momento, para ver se ele se levantava, para ver se grunhia, mas nada.

Karen – A imprensa fotografava tudo.

Pablo – O cachorro estava morto 20 minutos antes de alguém chegar ao local do crime.

Karen – Mas o jornalista escreveu que havia ouvido o último latido.

Pablo – E a verdade é que o pobre cachorro parou de latir já nos primeiros golpes.

Carol – Um minuto é um minuto. Um tempo longuíssimo quando se está morrendo,

Karen – Os jornalistas chegaram e o entrevistaram.

Pablo – E foi quando eu disse.

Karen - E foi quando disse.

Carol – Por que você matou o cachorro?

Pablo (*alto, mas não dramático*) – Matei porque era um cachorro homossexual.

Karen – Ele disse!

Carol – Mamãe?

Pablo – Tinham o orangotango alí pelo mesmo motivo. Por andar molestando a outros macacos machos. Vê? Eles são castigados por isso, por andar contra a natureza, por fazer o que têm vontade.

Carol – Papai, mas... mas, como pôde?

Karen (ao público) – Agora minha filha tem medo. Antes perguntava por curiosidade, mas agora seu mundo está a ponto de partir em pedaços.

Carol – Não pode ser! Não pode ser! Eu não lembro de nada!

Karen – Um mundo que até este dia, essa tarde de terça-feira, vendo os macacos fazendo macaquices e nos contando suas travessuras e suas histórias, um mundo perfeito onde tudo podia ser explicado até esse momento, quando seu pai, sem pena nenhuma, diz o que ela não quis ouvir jamais.

Pablo – Matei por ser homossexual. Era um cachorro bicha e, por isso, matei.

Karen – Eu, no fundo, sentia prazer. Não por ele, mas por ver a cara da minha filha que, depois de fazer e dizer todas as coisas que fez e disse, se sentia novamente como uma menina de nove anos assustada, levando livros e comida para seu pai, preso na delegacia.

Carol – Meu Deus... Meus Deus... Papai... papai.

Karen - E eu me sentei para vê-la aos nove anos e sem dentes e a ele, um ogro que sem medir palavras se lança contra um poodle-yorkshire indefeso como uma bomba que explode na escola e a faz em pedaços. Como uma casa destruída por assaltantes, como uma esposa que atende a chamada da amante e desliga.

Carol – Eu não lembro de nada, nada.

Vai para um lado, na penumbra. Escutamos a "Apassionata", de Beethoven.

Karen – Estes são meus dois amores e minhas duas histórias: a de uma menina que tem todas as cartas e todas as possibilidades de ganhar e que de repente percebe não só que suas cartas estão em branco, mas que ela não sabe jogar e que, em definitivo, não devia se quer propor jogo algum. E ele, um homem que iniciou a tarde em família passeando pelo zoológico e agora começou a entender que as frases deixadas sem fim serão ditas um dia. E que a palavra sempre está ali para preencher o vazio.

Pablo – Duas histórias que se reuniram numa terça-feira de família no zoológico. Duas histórias que falam de um tema que todos falaram alguma vez e que logo ninguém pôde voltar a falar.

Karen – Dois amores e um bicho que fecham e abrem a história (*retira um recorte de jornal amarelado. Lê. Música*) "...o tribunal condenou Pablo Estefano por conduta imprópria e crueldade com os animais. Estefano foi

acusado de surrar seu cachorro até matá-lo porque ele pensava que o cachorro, um poodle-yorkshire terrier, de cinco anos, chamado General, era homossexual...”.

Carol observa seu pai com terror.

Karen – “... testemunhas do fato informaram que Pablo Estefano, de 48 anos, se incomodou quando seu cachorro General tentava manter relações sexuais com outro cachorro macho, um jack russel terrier chamado Bandido, que é propriedade de sua mulher...”.

Escurece o cenário, exceto três pontos de luz: Pablo, Carol e sua mãe.

Karen – Por tantos anos, duas perguntas sem respostas: a primeira, a mais importante: matou o cachorro porque ele tentava ter relações com o outro ou por que este outro cachorro era meu? A segunda: Eu tenho alguma coisa a ver com esse incidente?

Estas foram as perguntas que vieram à luz em uma tarde cinza de uma porcaria de terça-feira, logo após ver um miserável orangotango preso que morria de tristeza e que as moscas estavam comendo vivo.

Carol – Papai, como pôde fazer algo assim?

Carol chora desconsoladamente. Sai do cenário correndo.

Pablo (*para sua esposa*) – Como você acha que vai reagir depois de tudo?

Desaparece quando sua luz apaga.

Karen – Não sabemos.

Desaparece ao apagar sua luz. Aparece um recorte de jornal que diz: "134 crianças, 53 professores, 22 pais e responsáveis, 10 empregados e 11 adolescentes morreram na explosão..."

Escurece

Barulho de moscas.

2 Zebras, pinguins

Área das Zebras

Vemos o que poderia ser uma zebra, apesar de que não vemos nem cabeça nem parte posterior do corpo. Só um espaço branco cruzado por listras brancas e negras.

Karen – Claro, há quem disse que eu, como esposa, deveria ter ficado quieta.

Carol – Sempre calar, os que falam são os culpados.

Karen – Mas eu também estava nervosa.

Carol – Todos estávamos.

Karen – E me perguntaram.

Carol – Perguntinhas.

Karen – Sem má intenção.

Carol – Seu marido tem alguma relação homossexual? A senhora enganava seu marido com o cachorro? Seu marido estava com ciúmes do cachorro, do outro cachorro ou da senhora?

Karen – E a gente se pergunta: o que devo fazer para ajudá-lo? O que devo dizer? (*a alguém da platéia*). Sim, você teria feito tudo diferente para mim, mas todos fazemos o correto até que acontece. Então, você se desespera e manda tudo que é correto à merda. Os pensamentos da gente se misturam e você diz a primeira coisa que vem à cabeça. Nada branco e preto. Sabe? Além disso, cedo ou tarde sempre terminam culpando a esposa.

Carol (lendo um jornal) – “...Segundo explicou a esposa de Pablo Estefano, Karen Estefano, os dois cachorros mantinham relações sexuais há muito tempo e que não entendia as razões pelas quais seu marido encarou a situação desta maneira...”.

Karen – Me cansava de vê-los e ainda que fosse feio nunca me pareceu anormal.

Carol – Que o cachorro de seu marido, um poodle-yorkshire, de nome General, sempre ia atrás do outro cachorro, de nome Bandido.

Karen – Cheirava e seguia o outro cachorro por todos os lados. Meu marido não se dava conta, no começo, porque almoçava fora e chegava tarde em casa. Mas acontecia sempre. O cachorro montava e o outro deixava. Mas como não se importasse, como se fosse algo normal, cotidiano, como quando está na hora de comer ou ficar feliz porque saiu para fazer suas coisas. Acontece em todas as famílias.

Carol – Você tem algum exemplo?

Karen – Não, na verdade não posso pensar em alguém. Talvez os vizinhos.

Carol – A esposa declarou que, ainda que se tratasse de uma conduta antinatural do cachorro assassinado...

Karen – Eram cachorros, pelo amor de Deus! Animais! A quem pode interessar tudo isso?

Carol põe óculos e um colete, faz a Mulher 1.

Mulher 1 – A nós, senhora Estefano, do Departamento de Proteção aos Animais. O caso deixou de ser um acidente doméstico e se converteu numa preocupação pública.

Karen – Mas como?

Mulher 1 – Porque há jornalistas e as pessoas estão preocupadas.

Karen – É só um cachorro morto.

Mulher 1 – Aqui todos são muitos sensíveis.

Karen- Com tantos crimes reais e nós com uma situação que não tem nada de importante e que deve acontecer em todos os lares,

Mulher 1 – Não acontece em todos os lares.

Karen – Eu pensava que era uma coisa comum.

Mulher – De fato, é a primeira vez que escuto sobre um assunto similar.

Karen – Talvez eu tenha uma impressão errada dos outros lares.

Mulher 1 – Se era um comportamento repetitivo dos cachorros, por que nesse dia em particular seu marido decidiu matá-lo?

Karen – Perdeu o controle. Ficou louco.

Mulher 1 – Por quê?

Karen – Estava vendo as notícias e se chateou pela morte daquelas pessoas.

Mulher 1 - Quem?

Karen – Crianças e professores. Uma bomba numa escola, quase 300 mortos, não sei.

Mulher 1 – E então?

Karen – Estava furioso. Gritava contra o terrorismo e a morte. Então viu os cachorros que estavam fazendo, você sabe, e logo, se descontrolou e...

Mulher 1 – Matou o seu próprio cachorro.

Karen – A pontapés

Mulher 1 – Acredita que seu marido é violento?

Karen – Não, não particularmente, tão violento como qualquer um,

Mulher 1 – Qualquer um quem?

Karen – Como todos os homens.

Mulher 1 – Nem todos os homens são violentos.

Karen – Não? Talvez eu tenha a impressão errada sobre os homens.

Mulher 1 – Ele o matou por ser homossexual?

Karen- É o que ele diz.

Mulher 1- É o que ele diz, mas é verdade?

Karen – Pergunte pra ele (*se levanta da cadeira. Vai para um lado*). E deixei as coisas assim, meio mal explicadas. Não disse nem sim nem não. Não disse nada que pudesse ser certo, não afirmei nada. Não só porque me parecia que essa era a melhor maneira de ajudá-lo, mas porque sempre pensei que nada é como é, que o que parece pode ser outra coisa e que nada é branco e preto.

Aparece Pablo, sentando-se na cadeira.

Pablo – Exceto as zebras

Karen – As zebras?

Pablo – As zebras são brancas e pretas (*pausa. Reflexivo*), e o pandas (*inteligente*), e os pingüins...

Karen sai

Mulher 1 – Boa tarde, sou do Departamento de Proteção aos Animais. Sua esposa não respondeu nossas perguntas com sinceridade e, por isso, queremos repetir com o senhor. Comecemos então: conte-me, o que foi que aconteceu?

Pablo – Tudo aconteceu no Natal, em 24 de dezembro. Eu via televisão, as notícias. Então minha esposa me lembrou que as luzes de Natal não estavam acesas e que eu deveria arrumá-las. (*ao narrar realiza a cena*). Sempre cabe a mim fazer o trabalho com as luzes enquanto minha mulher se encarrega da comida, dos telefonemas, do planejamento. A menina brincava. A TV falava da notícia do dia... já não me lembro qual.

Mulher 1 – A bomba na escola.

Pablo – Isso. Tinha uma festa de Natal e houve 400 mortos ou algo assim. Destruindo toda a frente do edifício.

Mulher 1 – Sim, mas esse não é o nosso caso,

Pablo – Ninguém sabe por que puseram uma bomba na escola.

Mulher 1 – Voltemos ao nosso assunto.

Pablo – A diretora culpou os meios de comunicação.

Mulher 1 – A diretora de quê?

Pablo – Da escola. Vi na tv.

Mulher 1 – E o que isso tem a ver conosco, o senhor e o cachorro morto?

Pablo – Nada, não tem nada a ver.

Mulher 1 – E então?

Pablo – Então acendi as luzes da árvore e foi quando vi o cachorro.

Mulher 1 – Seu cachorro.

Pablo ---General

Mulher 1.-General.

Pablo (*pega duas cadeiras e recria a situação*). Procurava de novo por Bandido.

Mulher 1 – O outro cachorro,

Pablo – Sim, General estava procurando por Bandido e eu já lhe havia dito que não o fizesse. Havia advertido que não o fizesse. Havia batido nele com um jornal apenas alguns dias antes. Chutei-o na última vez que o vi tentando ficar com o outro cachorro e ele me olhou como se entendesse.

Mulher 1 – Eles faziam isso sempre?

Pablo – Ultimamente, muitas vezes.

Mulher 1 – E o senhor não aprovava.

Pablo – Eram dois machos!

Mulher 1 – E o senhor não aprovava?

Pablo – Não. Claro que não. Eu não gostava e o outro cachorro também não, porque ele fugia, compreende. Bandido sofria com isso, sempre me olhava pedindo ajuda, como dizendo: “até quando terei que suportar isto?”, “por que não fazem nada?”, “por que deixam que este cachorro imbecil me faça isto todas as vezes que tem vontade?”.

Mulher 1 – Isso lhe disse o cachorro.

Pablo – Não me disse, claro que não, foi como se me dissesse. Me olhava com essa idéia nos olhos. Eu me comovia e concordava com ele.

Mulher 1 – Com o cachorro.

Pablo – Para mim era uma situação incômoda, com minha filha de nove anos vendo tudo e minha esposa baixando a cabeça cada vez que isso acontecia, porque não se atrevia a fazer nada. E os cachorros arfavam e o outro babava e o outro tentava escapar mas General não deixava e então...

Mulher 1 – E então?

Pablo – Então, então vi Bandido como uma vítima, indefeso e fui na direção de General e gritei e minha filha chorou. Ela não gosta de gritos porque ama os animais. Disse que vai fazer veterinária ou algo assim. Então, bati no cachorro mas ele insistia em seguir fazendo, então...

Mulher 1 – E então?

Pablo --- Bom, aconteceu.

Mulher 1 – o que acontece senhor Estefano?

Pablo – Algum coisa me aconteceu, perdi a compostura, não sabia o que fazia.

Mulher 1 – Atacou o cachorro.

Pablo – Chutei

Mulher 1 – Até que o matou.

Pablo – Sim, acho que sim

Mulher 1 – Acha?

Pablo – Chutei, mas não sei se até o cachorro morrer

Mulher 1 – Acredita que estava vivo depois?

Pablo – Me refiro que talvez ele já estivesse morto e eu ainda lhe chutava.

Mulher – Que filho da puta!

Pablo – Como é que é?

Mulher 1 – O senhor é um filho da puta! Faria o mesmo com um casal gay que caminhasse na sua frente de mãos dadas. O senhor os teria matado! O senhor odeia os homossexuais!

Pablo – Não não, que façam o que quiserem, mas não na minha casa.

Mulher 1 – O senhor é homofóbico?

Pablo – Eram os cachorros, só os cachorros que me incomodavam. As pessoas não me incomodam, eu entendo as pessoas, eu gosto das pessoas.

Mulher 1 – Mas matou os cachorros por suas práticas homossexuales.

Pablo – Tinha avisado os dois para que não o fizessem.

Mulher 1 – E continuavam fazendo.

Pablo - Sim

Mulher 1 – E então, quando alguém faz o que o senhor não quer, o senhor se enfurece (*Pablo nega*) e fica violento.

Pablo – Não, claro que não.

Mulher 1 – Se o senhor faz isso com um cachorro, o que não faria com seres humanos?

Pablo – Nunca!

Mulher 1 --- O que nos garante que, se o senhor sair desta se nenhum arranhão, não cometeria um crime ao virar a esquina?

Pablo – Nunca cometi um crime!

Mulher 1 – Matou um cachorro.

Pablo – Isso não é crime,

Mulher 1 – Existem leis que protegem os animais.

Pablo – Mas os cachorros não são o mesmo que...

Mulher 1 – Que nós?

Pablo – Os humanos.

Mulher se aproxima.

Mulher 1 – Esse cachorro, enquanto morria, não o odiava. Porque eles acreditam que se o senhor os castiga é porque fizeram algo por merecer. Enquanto o cachorro morria pensou: mereço isto por fazer pouco caso. Os cachorros acreditam que nós somos bons. Mas não somos. Essa não é a verdade. A verdade é que nós humanos somos umas bestas. Assim que, como sou humana, penso fazer com o senhor o mesmo que o senhor fez ao cachorro. Vou matar o senhor a golpes, do meu jeito. Vou mostrar meu ódio, que é o mesmo que o seu cachorro devia ter sentido contra o senhor enquanto agonizava pelos chutes que o senhor deu. Vou fazer isto, mostrar meus dentes para que sinta o que ele sentiu. Vou recomendar que o enviem à prisão preventiva por 40 dias e uma multa de 5 mil dólares, a qual será

doadada em sua totalidade para a Associação Protetora dos Animais. E agora, o que me diz? Me odeia? Quer me matar a pontapés? Por que não o faz?

Ambos em pé

Pablo – Matei o cachorro porque ele gostava de outros cachorros. Este é o motivo. Era meu cachorro e podia fazer com ele o que eu quisesse. Mas me deram 40 dias e uma multa de 5 mil dólares. Não pelo cachorro, porque a lei não é tão dura quando alguém mata um animal, se é propriedade, se é nosso, se não afeta a ninguém, salvo o cachorro, naturalmente. Fizemos isso baseados no boletim do Departamento de Proteção aos Animais, no qual me consideraram um homem perigoso, e pela imprensa, que rápido esqueceu da bomba na escola e se concentrou em mim. Na primeira página estava a foto do cachorro e a minha. A minha em meu pior momento, depois de 36 horas sem dormir. A dele, cachorro – não do morto – mas de um muito parecido. Era uma foto de um cachorro de salão de beleza, muito alegre, para que inspirasse ternura. E as pessoas me odiaram por isso. Me odiaram de maneira instantânea, fácil, gratuita, um ódio que estava ali esperando que algo acontecesse para ser depositado em mim.

Pablo sai, a mulher 1 tira o colete e os óculos. Se dirige ao público, como Carol.

Carol – Quando dizemos que algo é branco e preto, nunca diferenciamos as variedades de cinzas que fazem possível tudo que é branco e tudo que é preto. Por isso, uma zebra, um pingüim e um dálmata não são iguais, ainda que sejam brancos e pretos.

Zebras, pinguins e dálmatas não são iguais, mas com as pessoas não notamos essa diferença. É estranho que não notemos, porque afinal, pingüins, zebras e dálmatas provavelmente têm pensamentos muito parecidos: frio, calor, fome, sexo, sonho, afeto, olha que branco ou olha que preto. Mas, e nós? Sequer podemos chegar a um acordo quando o tema é Deus!

Música.

A zebra se move, mas quando vemos o corpo completo, não só é branca com listras negras, mas tem uma listra vermelha que lhe atravessa o corpo, uma listra vermelha, perceptível e incômoda.

3 Aves

Gaiola das Aves

Barulho de pássaros toma conta da cena.

Carol – Chega a noite, passam as horas, você se deita para dormir e espera que no dia seguinte acorde com o alívio de uma noite bem dormida. Só que nessa noite eu não dormi. Fui trabalhar no zoológico como todos os dias e lá estava minha amiga Verônica.

A atriz que faz Karen entra em cena com um jaleco de veterinária. Agora faz o personagem de Verônica. Arruma o escritório.

Verônica – Faz tempo que não te via com esta cara.

Carol – Qual?

Verônica – Preocupada. Todos estamos assim. Os atentados terroristas deixam as pessoas assim, cinzas, desanimadas, um misto de vergonha e pena.

Carol – O que aconteceu?

Verônica – Um carro bomba matou 30 pessoas num shopping center. Estava estacionado e BUM. Não escutou? Muita gente disse que foi possível escutar a quilômetros de distância. São bárbaros. Merecem a morte. Sei que não sou a favor da pena de morte, mas às vezes viria a calhar. Em casos de exceções, concorda?

Carol (*preocupada por desconhecer o fato*) – Não soube nada disso.

Verônica – E você que sabe de tudo.

Carol – Eu sempre estou informada.

Verônica (*Ihe dá uma xícara*) – Pega, toma um café. Quer ir pra casa mais cedo?

Bebe o café como se fosse água. Verônica a olha incrédula. Carol se serve de mais um pouco e volta a bebê-lo como se fosse um suco de frutas. Serve-se novamente, mas Verônica a detém. Carol se dá conta.

Carol – Ontem estive com os meus pais.

Verônica – Eu os vi na jaula dos macacos. Tudo bem?

Carol – Sim, tudo bem (pausa). Fiquei sabendo que há 15 anos papai cometeu um erro.

Verônica – Quer me contar?

Carol – Não, não é necessário. Foi um erro (*pausa como quem quer terminar a conversa*). Papai esteve preso por matar um cachorro.

Verônica - Santo Deus!

Carol – Um acidente.

Verônica – Claro. Como aconteceu?

Carol – Foi a pontapés.

Verônica - --- Que animal! Me desculpe.

Carol – Não dormi a noite passada porque sabia que ia sonhar com o cachorro.

Verônica – E por que o matou?

Carol – Porque ele achava que o cachorro era homossexual.

Verônica deixa cair a xícara, que se quebra.

Verônica – Melhor que não me conte nada. E vai para casa. Hoje você não tem nada o que fazer aqui.

Carol – Sim, tem razão. É melhor eu ir (preparando-se para sair). Lembre que hoje temos que ter atenção especial com a cabra negra, poderá ser seu dia. Não esqueça de falar com os estudantes, que ninguém toque nos filhotes. Esperamos umas duas cabras, vivas e sãs. Também diga a eles que não esqueçam da vacina para o mandril. E dêem uma olhada na gaiola das aves para ver se a doença diminuiu.

Verônica – Sim, sim. Vai porque aqui está tudo sob controle. Hoje você não faz falta aqui.

Carol – Talvez seja um vírus.

Verônica – Anda, vai. Parece muito cansada. Vírus ou o que seja, aos pássaros nunca acontece nada. São os mais fortes.

Carol – Os papagaios são como os leões.

Verônica – Adoecem menos que os elefantes.

Carol – E olha que se metem em cada confusão! (*saindo*). Não esqueça de soltar o orangotango.

Verônica – Eu me encarrego. Tchau.

Carol está saindo mas volta. Verônica olha-a, já sabendo o que vem.

Carol – O que você acha que eu devo fazer?

Verônica – Com os terroristas não se pode fazer nada, Carolina. Desejar-lhes a morte ou que exploda o carro bomba, que detone a bomba plástica, que trave a automática e o tiro saia pela culatra, que comentam um erro e se matem entre eles. Ou a seus familiares, que seus familiares morram também.

Carol – Verônica!

Verônica – Estou cheia!

Carol – me referi ao meu pai. O que devo fazer?

Verônica – Isso foi há muito tempo.

Carol – Eu fiquei sabendo ontem.

Verônica – Eu não me meto em coisas de família. Teu pai é teu pai. E você vai dormir e eu vou trabalhar. E aos terroristas: morte. Até amanhã.

Verônica desaparece no escuro. Carol fica em cena. Pega sua bolsa, caminha.

Carol – Sai do escritório mas não fui para casa. Fiquei passeando pelo zoológico. Tudo estava normal. Pouca gente. Parei em frente à gaiola das aves porque estão muito doentes e não sabemos o porquê. Têm uma doença muito estranha. Tão diferente. *(Carol entra na área das aves. Escutamos os pássaros)*. Não voam. Não querem voar ou não podem. Fizemos todos os exames possíveis, mas não descobrimos nenhuma patologia. Simplesmente estão ali, sem vontade de voar. E eu não faço mais do que olhá-las todas as manhãs, totalmente impotente, porque me acostumei a fazer alguma coisa por elas e agora, agora não posso. Então, enquanto olhava as aves me deconta que alguém me observava. Era ele. Estava ali. Era papai.

Entra Pablo. Ele tenta abraçá-la. Ela não deixa.

Pablo – Lembra quando eu te trazia ao zoológico?

Carol – Que idade eu tinha?

Pablo – Era uma menina, talvez, de nove anos. Faltavam os dentes. Você ficava o tempo todo aqui vendo os animais. E me dizia que queria levá-los para casa. “Papai, podemos levar a girafa? Posso ficar com o elefante?:”.

Carol – Me deixa dormir com as zebras.

Pablo – Você não gostaria de ter gafanhotos? Que tal criar baratas? Não gostaria de dormir com as formigas no jardim? Também são animaizinhos. Não estão no zoológico mas são criaturas de Deus. E são menores.

Ambos,,para o público. Escutamos la "Apassionata", de Beethoven.

Carol – Dizem que quando conhecemos nosso pai é quando realmente o perdemos.

Pablo – Quando deixamos de ser heróis e nos convertemos em macacos, quando deixamos de ser deuses.

Carol – Quando eles já não têm calças compridas nem o melhor dos empregos.

Pablo – Nem o carro mais imponente, nem mais dinheiro, nem a força bruta, nem sempre a razão.

Carol – Quando deixam de parecer imortais.

Pablo – De uma hora para outra os filhos nos lembram que já estamos no fim do caminho. E isso nos entristece. Porque nessas condições, encurralados, sem pretígio nem a admiração de antes, como querem que lembremos do passado? Como esperam que o expliquemos?

Pablo sai

Carol – Quando voltei para casa já era tarde e ainda tinha essa vontade terrível de não dormir, de falar com ele, fazer alguma coisa, ficar acordada, como se estivesse em alguma emergência. Procurei por notícias em todos os canais e jornais sobre o atentado terrorista, li todas as reportagens, algumas eu até decorei. O dia todo junto com meu pai e ambos evitamos falar do assunto mais importante.

Por que odiava tanto o cachorro?

Quem era meu pai?

Por que nunca me falava de suas coisas?

Toca o telefone. Pára a música

Carol – Alô? (*para o público*). Era Verônica, do zoológico.

Entra Karen, que se passa por Verônica.

Verônica – Carolina, tenho más notícias.

Carol – O que aconteceu com as cabras? Houve problemas?

Verônica – Não, as cabras ainda não nasceram.

Carol – Estão atrasadas, mas

Verônica – O problema são as aves.

Carol – O que acontece?

Verônica – Te chamei para dizer que as encontrei mortas.

Carol – Todas?!

Verônica - Todas. Não ficou nenhuma.

Carol – Mas... mas... o que fizeram a elas? O que aconteceu?

Verônica – Não sabemos. Estou no zoológico e não há sinais de algum tipo de ataque. Creio que foi uma epidemia. Todas morreram ao mesmo tempo.

Carol – Mas....mas... não entendo.

Verônica – Eu também não. Sei que é tarde mas por que não vem até o zoológico e me ajuda?

Carol - Sim, já estou indo.

Carol se arruma rapidamente.

Carol – A cidade estava vazia e perigosa. Cheguei ao zoológico e fui recebida pela polícia. A polícia? Que estranho. O que a polícia tem a ver com isso?

Verônica – É pela morte dos pássaros. Acaharam suspeito. Chamam de "estranhas circunstâncias".

Carol – Você lhes disse que elas estavam doentes?

Verônica – Estão investigando. Há muitos atentados e crêem que...

Carol – Isso é uma bobagem.

Verônica – Vão nos interrogar da mesma maneira. O que pensamos? O que pode ter acontecido? Quando custam estes pássaros?

Escutamos la "Apassioanta" de Beethoven

Carol (*recolhendo os pássaros*) – Enquanto me perguntavam eu não deixava de vê-los, no chão cinza e molhado da grande gaiola das aves. Eram tantos e todos tão lindos que mais parecia um tapete. Comecei a recolhê-los, um por um, como quem levanta o cadáver de seus amigos na guerra. E logo, da tristeza veio uma grande preocupação.

Eu sofro pelos animais mortos e reconheço não ter sentido a mesma tristeza pela morte de seres humanos. Será isso um pecado? Caberá a mim ir pro inferno por preferir os animais aos homens, porque só me comovo com os fracos?

Ainda não sei no que errei, mas algo de mal eu fiz porque o resultado assim diz: 64 pássaros mortos num mesmo dia. Em algo falhei. Como pôde acontecer? Como vamos substituí-los?

E, além do mais, onde tem estado Deus nas últimas 24 horas? Por que têm ocorrido tantas coisas que sua ausência me parece suspeita (*com os pássaros que conseguiu recolher*) . Onde está quando tantas coisas aconteceram e ele não as deteve, não interveio, não avisou, não pôs sua força ao lado da beleza, do harmonioso, do inocente?

Onde está este Deus maldito que nunca está quando a gente precisa, onde se escondeu, que merda está fazendo para justificar que esta noite não está conosco, ajudado-nos a recolher este imenso tapete de penas que hoje cobre a maior gaiola do zoológico com a frieza da morte? Onde está? Onde está? Hoje tenho muitas coisas para esclarecer com ele.

Escuro.

4 Tigres

Área dos felinos / agora

Pablo e Karen em frente à jaula dos tigres. Karen segura um balão. De um lado um carrinho de bebê.

PABLO---Ah. Tigre, grrrrgrrrrgrmm.

Ah tigre, grrrrgrrrm

Misu misu misu, grrgrgrgrrrr

Veja estas patas

Karen – São imensas.

Pablo – Há 15 anos um turista caiu nesta jaula. Estava fazendo uma foto. Se apoiou aqui mesmo. Os tigres estavam brincando, se mordendo etc. Então o turista tentou fazer uma foto mais próxima. Não se deu conta de que esta grade está um pouco solta (*mexe nela que continua solta*) e caiu na jaula.

Karen – E o que aconteceu?

Pablo – Com quem? O turista ou o tigre?

Karen – O turista.

Pablo - Nada. Não aconteceu nada. Com os turistas nunca acontece nada. Os tigres foram até a borda, não com intenções de atacar, mas de olhá-lo fixamente. Talvez pensaram que um turista é pouca coisa, que não chega a ser presa, que é uma piada. O turista sabia apenas nadar. Realmente o único que fez foi boiar. E gritava como um louco, como um desesperado.

Karen – Dois tigres esperavam por ele!

Pablo – Só olhavam, não iriam machucá-lo. Um tigre de zoológico é como um gato grande. Com sua barriga cheia, seu coração triste.

Karen – Dois tigres são dois tigres!

Pablo – Estão mais para dois gatos assustados.

Karen – Grandes, com garras e dentes. Não, obrigada.

Pablo - O turista nadou um pouco e se aproximou da borda, os tigres, ao ver que alguém se aproximava, fugiram. Se foram, cada um para um lado. O maior até começou a brincar com uma bola que jogaram para distraí-lo. Como que dizendo: está bem, não nos importamos, somos gatinhos, brincamos com bolas e tal...”

Até que chegaram os guardas e atiraram contra eles. Direto na cabeça.

A menina que está no carrinho chora. Karen olha e lhe acaricia.

Karen – Você assustou o menino (*para sua mãe*). Desculpe, é um menino muito bonito. Menina? Uma preciosidade (*a menina deixa de chorar*). Fez a menina chorar com essa história.

Pablo – Acha que ela entendeu o que eu falei?

Karen – As meninas entendem tudo.

Pablo – Como os animais.

Karen – Tuas histórias fizeram ela chorar

Pablo – Nada de histórias. Eu estava aqui. Atiraram nos tigres ao mesmo tempo em que o turista chegava na borda. Quando os tigres haviam se afastado, precisamente quando o turista estava a salvo, atrás da cerca.

A menina volta a chorar.

Karen (*acalmado a menina*) – Não precisa ficar assim! Não é para chorar.

A menina pára de chorar.

Pablo – Bang! Bang! Mortos. Mas, quem se importa? Dois enormes e lindos tigres de Bengala que estão em perigo de extinção, recentemente comprados por um preço astronômico e jogados em um saco pelo disparo dos caçadores, eliminados em sua própria jaula. Brincando com uma bola.

Karen – *(pega o balão e o coloca no carrinho da criança, com muita delicadeza)*. Já viu o urso panda, querida? Viu que lindos são os ursos pandas?

Pablo – O importante aqui não são os animais, mas sim as jaulas. Se você olhar bem, verá que as jaulas estão melhores que os animais.

Karen *(falando com a criança no carrinho)* – Não viu os pássaros? As gaiolas estavam vazias? E tampouco as zebras? Hipopótamos? Macacos? Não havia um orangotango?

Pablo – Por outro lado, os animais vivem sujos, peludos, com carrapatos, cheios de piolhos, tristes e sozinhos.

Karen – *(falando com a criança no carrinho)* - Vão chegar cabras novas e vão trazer pássaros, muitos pássaros e nós viremos vê-los. *(a Pablo)*. Esta menina é uma beleza. Tenho pensado em ter outro filho. Gostaria de ter uma menina. Outra menina.

Pablo – na nossa idade é melhor ter um gato ou um ...

Karen – Não, eu quero uma filha. Você tenha os animais. Dá na mesma, você os odeia.

Pablo – Eu não odeio os animais. Lembre-se que venho ao zoológico desde pequeno.

Karen – Eu creio que você age assim para se sentir superior a estes bichos.

Pablo – Qualquer um é superior a estes bichos. Estes aqui não são animais de nada. Não são nada. Ponha-os na selva e a selva os come. Passam por estrangeiros. Animais de merda, cheirando a bunda porque é o que neles cheira melhor.

Karen - Lembre que a menina está ouvindo.

Pablo – Esta não é minha filha.

Karen – Mas é uma menina

Pablo –Então, que aprenda.

Karen está agora frente a frente com Paulo

Karen ---- Quero ter uma outra filha. Mas não com você. É tudo.

Pablo – Com...Com... com outro?

Karen – Quem seja. Quero a separação.

Escutamos o rugir de um tigre.

Pablo – Onde... onde...Você tem outro? Está com outro?

Karen – Pensei no que você fez ao cachorro. Eu já havia esquecido, havia deixado de pensar nisso. Mas tudo voltou a aparecer em nossas vidas. E pensando bem, lembrei porque você havia feito aquilo ao pobre cachorro.

Pablo – Porque era homossexual.

Karen – Não me refiro a isso.

Pablo – Molestava o teu cachorro e ele lamentava isto.

Karen – Você matou o cachorro porque, talvez, na verdade era a mim que você queria matar.

Pablo – Lobos, coiotes, hienas todos são realmente cachorros selvagens e malvados. Não existe adestramento que possa evitar que um cachorro se comporte como o que é na verdade: um animal.

Karen - Homens como você sonham em matar suas esposas.

Pablo – Você está indo a um psiquiatra? Que vergonha! Está contando sobre nossas coisas?

Karen – Não, mas não parece ser uma má idéia.

Pablo – Tá indo pra cama com um psiquiatra? Hein?

Karen – Me deixa!

Pablo – E em vez de pedir o divórcio ou desaparecer ou deixar de te querer, minha melhor opção era te matar. E como não podia, matei o cachorro. Veja só! Assim, simples! Todos somos tão simples assim ou só eu?

Karen – É bem possível.

Pablo --- Que livro você está lendo?

Karen – Há muitos anos não leio um livro.

Pablo – Eu poderia dizer então que pode ser o contrário. Você poderia ter visto a possibilidade de se separar de mim usando um episódio que ocorreu há 15 anos. Que agora deseja estar com outro ou sozinha e prefere que seja por minha culpa, porque sou um monstro.

Karen – Eu não disse que você é um monstro

Pablo – Mas sou

KAREN. -Por quê?

Pablo – Porque fiz o que fiz e estou fazendo o que estou fazendo.

Karen – O que você está fazendo?

PABLO. - Rugir!

Escutamos os tigres que rugem.

Karen – Antes você não era assim.

Pablo – Antes não sabia o que dizia.

Karen – Antes me apaixonei por você.

Pablo – Antes eu também me apaixonei por você. O que aconteceu?

Karen – Você morreu.

Pablo – Não estou morto, Karen.

Karen – Não está?

Pablo – Não!

Karen – Então, como é que não te reconheço?

Pablo – Sou eu!

Karen – Como é que você parece outro?

Pablo – Não sou outro.

Karen – E porque parece que você não está aqui. Que é um fantasma. Que te substituíram por uma cópia de você mesmo. Que já não é o que era antes.

Pablo – Por isso você vai embora com outro?

Barulho de animais. Um barulho que sobe até ser ensurdecedor. Logo se acalmam.

Pablo – Às vezes acontece. Assim, sem nenhuma razão, começam todos a gritar. Gritam juntos: “deixe-me sair”, “quero ir para a minha casa”, “não pertenco a este lugar”. (*rapidamente busca a alguém*) Onde está?

Karen – Quem?

Pablo – O homem com quem você se deita.

Karen – Eu não me ...

Pablo – Ahã? É este que está ali? Este que nos olha? (*para uma pessoa*). É você?

Karen – Não, não é esse.

Pablo – Onde está? O que pensa de mim?

Talvez não seja homem. Talvez não entenda. Um homem de verdade é basicamente uma fera, uma alma descontrolada. Competir com a presa, delimitar o território, fazer o que quiser, dominar os outros. Se queria te matar foi por instinto. Um reflexo que nos leva a resolver tudo pela violência.

Matamos os animais porque temos medo.

Um elefante, longe, dá um grito.

Karen – O que vamos fazer?

Pablo – Com...

Karen – Vamos nos separar

Pablo – Você irá com outro.

Karen – Com quem me der vontade.

Pablo – Onde está? Por que não mostra a cara? Tem medo? Por que se esconde?

Karen- Ninguém se esconde, Pablo!

Pablo – Será homossexual? Gosta de cisnes?

Karen – Não é !!!

Pablo – Você tem que ter cuidado. Hoje há muitos que se passam por homens, mas na verdade são viados e procuraram mulheres casadas pra se fazer de homens. Presta atenção e traz ele ao zoológico. Se ele olhar os cisnes, então não há dúvida. É homossexual.

Karen – (*saindo*) – Sabe que você é um estúpido?

Pablo – Não, eu não sou um estúpido. Acontece que sou um tigre.

Karen – Pois cheira como um!

Karen sai do espaço. Fica iluminada por um feixe de luz.

Karen – Não saía com ninguém, não estava com ninguém, não fui infiel. Mas pensei sim em outra pessoa. Outra pessoa com quem falei sobre minhas coisas e com quem me sentia bem. Mais jovem, mais bonito, mais sincero. Apesar de que falava muito dos cisnes, coisa que agora me incomoda.

Pablo fica sozinho em cena, olhando por onde saiu Karen.

Pablo – Viado. É um viado. Se mexe como um viado e se veste como um viado. Viado.

Deveriam enforcá-los ou algo parecido.

(silêncio. Volta para a jaula dos tigres)

Ah tigre... Grrrrgrrrrgrrm

Ah tigre ... Grrrrgrrrrm

Misu misu misu... Grrgrgrgrrm

Olhe estas patas. Tá ficando velho, tigre. Ficando velho.

Fica olhando-o por um instante. Música como se fosse terminar a cena até que se escuta um ruído forte e seco. Levanta os olhos. Escuta um grito ao longe

Voz ao longe – Socorro! Uma menina com um balão caiu na jaula dos tigres! Por favor, alguém me ajude!

Pablo (ansioso) – Socorro! Uma menina! Guardas! Corre, menina, corre!
(Pablo não deixa de tirar a vista da jaula. Escutamos vozes longe. Rápido, Pablo para para ver a cena com interesse.) Grrrrrrr... Gr..... Vamos tigre.... Gr..... *(ri um pouco, nervoso. Esconde o riso, grita).* Alguém salve a menina! Socorro!

Grrrr... Grrrr... tigre... Grrrr... Grrrr.

5 Rinocerontes

Jaula dos Rinocentrontes / Agora

Vemos as patas de um rinoceronte que dorme. Às vezes se mexe, mas pouco. Em cena, Pablo. De um lado, Carol, que agora é uma policial.

Polícia – Senhor, estamos fazendo uma inspeção de rotina e gostaríamos de fazer-lhe algumas perguntas. Senhor, senhor...

Pablo – Que magnífico animal! E, ainda assim, está ali humilhado. Sabe que se ele estivesse em seu ambiente natural já nos teria matado? E não por fome ou porque seja um animal perigoso. Não. Teria nos matado por não termos prestado o respeito necessário.

Polícia – Senhor, gostaria de falar com o senhor.

Pablo (*reconhecendo-a como policial*) – Ah!

POLI CIA. -Oficial León, Josefina León, Polícia Nacional.

Pablo- Não sabia que a senhora era...

Polícia – Estamos fazendo uma investgação e precisamos da ajuda de pessoas que vêm com frequência ao zoológico.

Pablo – o que aconteceu?

Polícia- Procuramos informações. Já o vi antes no zoológico.

Pablo – Venho com frequência.

Polícia – Tem alguma profissão que o vincule à observação de animais?

Pablo – Minha filha trabalha aqui.

Polícia- E ela, como se chama?

PABLO.-Carolina Estéfano.

A policial anota.

Polícia - Vem para vê-la?

Pablo – Também venho pelos animais. (*Pablo espera que ela faça a pergunta seguinte, mas é óbvio que a policial também espera que ele continue dando informações...*) E... moro perto e eu gosto de vir e observar os animais. Faço fotos deles. Alguns deles me conhecem.

Policial – Conhecem o senhor? Como assim?

Pablo – Bem, me olham e sabem que sou eu. De tanto que me vêem. Como este rinoceronte. Me viu por anos. Sabe quem sou e me cumprimenta. Mexe a cabeça quando me vê. Um dia quando estava triste parei para vê-lo. Mas ele estava dentro da água, não queria sair, estava quente. Mesmo assim, comecei a falar com ele, a contar-lhe porque eu estava triste. E ele, como quem deixa de fazer algo que gosta para escutar um amigo, saiu da água e caminhou na minha direção.

Um rinoceronte de seu tamanho, caminhando de um lado para o outro, olhando-me, entendendo minha solidão. Veio e parou em frente, suportando o sol. Somente para me ouvir.

Policial – (*olhando assombrada o rinoceronte*) E eu que pensava que todos os animais são iguais. Sejam macacos ou leões. Fedem muito.

Pablo – Porque estão aqui. Mas se estivessem em seu ambiente natural não cheirariam mal. Como você e eu. Se estivéssemos de verdade onde queremos estar talvez não seríamos o que somos ou não nos veríamos como nos vemos.

Policial – Eu sempre quis ser engenheira.

Pablo – E eu, veterinário.

Policial – O senhor parece veterinário. Conhece muito os animais.

Pablo- Não a todos, mas este rinoceronte, por exemplo, sim. Sabe que estão em extinção? É uma espécie antiga, mais antiga que o homem, mais antiga que muitas montanhas e mares. Mas estão desaparecendo. Houve uma época em que eram confundidos com unicórnios. Marco Polo, em suas viagens, foi o primeiro a ver um. Em vez de chamá-lo pelo seu nome ou inventar um, preferiu chamá-lo por um nome que era conhecido.

Policia – Como se chama?

PABLO.-Rinoceronte. Rhinos-cerontus.

Policia – O bicho não. O senhor, como se chama?

PABLO.-Pablo Estéfano.

Policia – Senhor Estéfano, veja, eu gostaria muito de ouvir todas as suas histórias interessantes, mas estou trabalhando. E talvez possa me ajudar. Estamos procurando uma pessoa.

Pablo – Homem ou mulher?

Policia – Acreditamos que seja um homem. Tem visitado o zoológico nas últimas semanas e está matando os animais.

Pablo – Matando? Mas, como? Quais?

Policia — Começou com os pássaros, mas continuou com os tigres, três pingüins, uma cabra, que estava para dar à luz. Matou os hipopótamos, assassinou vários macacos, cinco macaquinhos, três chimpanzés, outros macacos que não lembro e um orangotango.

Pablo — O orangotango?

Policia — O senhor o conhecia?

PABLO.- Estava em uma jaula especial.

POLICIA. - Acreditamos que seu próximo alvo serão os ursos pandas.

PABLO. Esses ursos são caríssimos!

POLICIA.- E os preferidos das pessoas.

PABLO. As crianças, as crianças, os adoram.

POLICIA.- Por isso acreditamos que eles são o próximo alvo.

PABLO. É preciso fazer alguma coisa contra esse criminoso!!!

POLICIA. - Não tornamos isto público porque sabemos que o delinqüente vem todos os dias ao zoológico. Achamos que é algum terrorista ou fanático.

PABLO. - E como os mata?

POLICIA.- Com um vírus especial. Um vírus que destrói as suas defesas. Adoecem por alguns dias e logo morrem. Caem como cartas, de repente. Os animais não se queixam. Se entristecem, deixam de emitir sons e de fazer suas coisas rotineiras.

PABLO.- Filho da puta!

POLICIA.- Isso mesmo. É um filho da puta. E, por isso, queremos detê-lo.O senhor vem muito ao zoológico e conhece as pessoas.

PABLO.- Conheço mais os animais.

POLICIA.- Os animais é que conhecem o senhor.

PABLO.- Nem todos. As tartarugas são difíceis.

POLICIA.- Gostaria que o senhor lembrasse se viu algo ou alguém suspeito. Aqui está meu número. Qualquer pessoa que lhe pareça suspeita, pode me avisar.

PABLO. Acha que ele passa o dia caminhando por aqui?

POLICIA.- É bem possível. Ele gosta de ver os animais depois de envenená-los.

PABLO. E como a senhora sabe?

POLICIA.- Porque os faz sofrer.

PABLO.- A propósito, para mim este rinoceronte me parece um pouco esquisito.

POLICIA O senhor acha?

PABLO.- Parece triste, fraco.

POLICIA.- O senhor acredita que ele tenha o vírus?

PABLO.- É que não se cuidam (*levantando a voz*). Parece que ele está caindo!

POLI CIA (*alarmada*) Sim, é verdade. Acho que está... Espere aqui (*ao rádio*) Atenção! Jaula dos rinocerontes. Jaula dos rinocerontes (*saindo*) Vou buscar os veterinários.

Pessoas gritando

PABLO - Um verdadeiro monumento da selva. E pensar que Marco Polo o confundiu com um unicórnio, só isso. E que os unicórnios nunca existiram. E os rinocerontes sim.

(*Se escuta uma pancada descomunal*). Ele caiu. Está caindo o rinoceronte. Deus!

Que grandiosidade!

Cai!

Deus!

Que beleza!

(*com admiração*) Como morreu!

Vemos então as patas do rinoceronte que dão voltas, como se estivesse caído. Gritos de pessoas ao longe e apitos da polícia. Música

6 Pandas

Jaula dos ursos pandas – Hoje

Pablo e Karen entram em cena. Têm sacolas de compras. Uma árvore de natal aparece em cena.

PABLO.- Faz 15 anos. Era 24 de dezembro e um acontecimento doméstico chamou a atenção não só das pessoas.

KAREN.- Mas também de nós mesmos.

PABLO.- Apesar de que há coisas que nunca disse e que nunca direi.

KAREN.- Como que todos somos conseqüências de alguma coisa.

PABLO.- Assim como o dia 24 de dezembro, querendo ou não, é conseqüência de alguma coisa.

KAREN.- Por exemplo, do dia 23 de dezembro.

PABLO.- Ou do dia 22.

KAREN.- E muito especialmente do dia 21.

PABLO.- Isso. Aquele 21 de dezembro.

KAREN.- Todos os dias chegam com outro atrás.

PABLO.- Nesse dia tínhamos saído.

KAREN.- Fomos fazer compras na tarde do dia 21 de dezembro enquanto e menina.

PABLO.- E os cachorros.

KAREN.- Passavam a tarde com a avó no parque.

PABLO.- Então, ficamos vendo as lojas, cada um para um lado.

KAREN.- Então eu já lhe falava pouco.

PABLO.- E eu dava graças a Deus por não me dirigir a palavra.

KAREN.- Eu falava pouco com ele porque esta manhã.

PABLO.- Tinha ficado sabendo.

KAREN.- Que ele tinha uma amante.

PABLO.- Mais jovem e mais bonita.

KAREN.- Que eu. Mas pensei: será capaz de me deixar ou só faz isso porque tem medo?

PABLO.- Medo da morte.

KAREN.- De estar comigo.

PABLO.- Não sei.

KAREN.- Não sei. Voltamos tarde este dia.

PABLO.- E quando voltamos...

KAREN.- Tentei abrir a porta da casa e ...

PABLO.- E a porta estava aberta.

KAREN.- Havíamos sido roubados.

KAREN.- Meu Deus! O que aconteceu aqui?

PABLO.- Você deixou a porta aberta?

KAREN.- Pablo, olhe! O que faz tudo no chão?

PABLO .- Alguém entrou na casa!

KAREN .- Fomos roubados!!!

Entram rapidamente, desesperados.

PABLO .- Onde está Carolina?

KAREN.- Saiu com meus pais. Estão no parque.

PABLO.- E os cachorros?

KAREN.- Estão com eles.

PABLO.-Menos mal que não havia ninguém em casa.

KAREN.- Deus meu! Que desastre!

PABLO.- Chamo a polícia.

KAREN.- Levaram a TV!

PABLO . (*discando para a polícia*) Malditos, malditos ladrões.

KAREN.- Quebraram os quadros. Por que quebraram os quadros?

PABLO.- Vá ver o resto da casa.

Karen sai.

PABLO.- Polícia. É uma emergência. Acabo de voltar para casa e ela foi arrombada. Alguém entrou aqui e quebrou tudo. Levaram a televisão (*olhando*), o aparelho de som e alguns enfeites da sala. Como? (*pausa*) Não vi. Acabamos de chegar e então os chamei para...
Se os ladrões ainda estão dentro de casa? É possível? (*Pânico. Pablo sente que está morrendo de medo*). Eu... eu... eu não revistei a casa. Venham para cá imediatamente.
Karen!!!! (*ela entra e ele se assusta ao vê-la*). A polícia disse que eles podem estar aqui dentro.

KAREN.- Pensei a mesma coisa e fiquei paralisada no corredor.

PABLO.- O que fazemos?

KAREN.-Não me pergunte o que fazer. Diz o que você quer que eu faça.

PABLO.- Eu?

KAREN.- Sim, você. O que fazemos? Se você vai morrer, que não seja de medo. Diga o que fazemos!!!

PABLO.- Não...não...não sei!

KAREN.- *(segurando o que pode nas mãos)* -Não parece ter alguém. Talvez já se foram. A casa estava sozinha, eles entraram, levaram tudo e se foram. Um trabalho limpo. Não acho que ficou alguém aqui. E a polícia?

PABLO.- Já vêm.

KAREN. - Deu o endereço certo?

PABLO.- Esqueci!

Karen o olha decepcionada. Pablo se dá conta

PABLO.- Estou muito nervoso! *(volta a chamar a polícia)*

KAREN *(para o público)* Ele chamou a polícia e comecei a recolher os cristais, a limpar o chão, a colocar em seus lugares o que sobrou. E ele não parava de falar com a polícia, depois com os vizinhos, chamou a mãe dele, suas irmãs, seus amigos. A todos contou o que aconteceu.

PABLO. *(no telefone)*. Aqui não existe segurança, faltam mais policia que tratem esses filhos da puta com todo o peso da lei.

KAREN.- E no sexto telefonema eu já tinha a casa em pé de novo. Sem TV, sem som, sem enfeites, sem o dinheiro que tinha guardado para uma viagem, sem a aliança de casamento. Mas tudo pronto. Limpo e arrumado.

PABLO *(ao telefone)* Que lei que nada!!! Que os matem!!! Isto ! merecem que sejam mortos! Fode comigo que trabalhei toda a vida! Se eu os vejo, eu mesmo os mato!

KAREN.- Tenho vontade de tomar banho. (*para Pablo*) Vou tomar banho.

PABLO (*ao telefone*) Desculpa. (*para Karen*) Por que não espera para recolher todas as coisas?

KAREN.- Já fiz o que tinha de fazer, Pablo.

PABLO. - (*olha tudo, com desagrado*). Você é muito rápida.

KAREN. - Vou para o chuveiro.

PABLO.- (*fica sozinho. Faz uma pausa. Sentimos seu medo, suavemente. Volta a telefonar*) A polícia nunca chega quando se precisa dela. Alô, Alô? Sim, estou esperando.

Entendemos que Pablo escuta música de espera. De repente, começa a bater o telefone. Se desespera. Tem um ataque. O ataque vem acompanhado de gritos e de soluços, ficando sem ar, como se um animal monstruoso estivesse a ponto de comê-lo. Depois deste clímax, Pablo cai no chão. Karen aparece coberta com uma toalha. Presta os primeiros socorros. Pablo reage e se acalma.

KAREN- Pablo tem ataques de pânico quando não pode lidar com a realidade. (*muda a música e as luzes. Pablo se levanta, muda de roupa*). Parecia um menino perdido, olhando em volta e achando que tudo era mais alto que ele, maior, mais misterioso. (*muda a música e as luzes. Karen está se vestindo*). Já o 22 de dezembro foi mais tranqüilo.

PABLO. - Comprei uma TV, melhor que a outra. Estéreo. E maior. Sentia falta do som da televisão ligada. Dá mais vida à casa.

KAREN.-No dia 23 de dezembro, a menina estava feliz porque começava a sair um novo dente e os terroristas explodiram uma bomba durante uma festa em uma escola.

Ligam a TV. Vemos um programa tipo TV educativa. Um concerto de orquestra sinfônica. Pablo muda de canal de forma violenta. Procura por outros canais.

PABLO - Tanta democracia torna as pessoas incontroláveis. Aqui todos têm

direito, exceto o trabalhador. A liberdade se tornou libertinagem. Um pouco de mão dura faz falta neste país de merda!!!

Televisão ligada. Vemos a inefável gazela fugindo do sempre rápido tigre.

KAREN. - No dia 24 de dezembro, a casa estava como antes. Eu cozinhava e faltavam luzes na árvore de natal. (*para Pablo*) Pablo, por que não arruma as luzes? (*Pablo arruma as luzes*) o que quer fazer esta noite?

PABLO. - Ficar em casa com a menina e os cachorros.

KAREN. O que diz a tv?

PABLO.- Que os terroristas explodiram uma bomba em uma escola. Estavam fazendo uma festa. Quase 100 mortos ou mais.

KAREN.- (*olhando a tv*) E essa, quem é?

PABLO.- É a diretora da escola.

KAREN.- Parece uma senhora conhecida.

PABLO.- Sim, parece uma de nós.

KAREN.- Pobre, mulher. Veja os olhos? Que desgraça!

De repente, escutamos latidos dos cachorros.

PABLO.- O que estão fazendo?

KAREN.- Aquilo outra vez.

PABLO (*chateado*) Já disse que não quero que façam.

KAREN--- Não importa. Já passa.

PABLO. Na frente da menina, que vê tudo!

KAREN. -Vem Bandido, vem. Afaste-se do General.

PABLO. Cachorro imundo!

KAREN.- Vem Bandido. Deixa o General. Não faça isso. É uma coisa natural, Pablo, não fique assim.

PABLO. Pablo – Como pode ser natural?! O que você diz? Isto é coisa de doente. Isto não é normal! Não pode ser normal.!

KAREN.- Karen – Acho que eles sentem falta de outros cachorros e ...

Então, Pablo tem o mesmo ataque que teve no princípio da cena. Mas se àquela hora foi um ataque de pânico, desta vez é ódio. Um ódio extraordinário ou como se fosse um animal. Pablo grita. Joga cadeiras nos cachorros e vemos que começa a chutar um deles.

PABLO. Filho da puta! Filho da puta! Não pode deixar o outro em paz! Não podemos ficar em paz! Sempre tem alguém fodendo! Deixa o outro em paz, maldito cachorro viado. Cachorro terrorista! Cachorro assaltante! Cachorro Filho da puta!

Ele chuta até que não ouvimos mais os latidos do cachorro. Música Vai escurecendo a cena.

CAROL.- Alguém matava os animais do zoológico porque achava que eles deveriam estar na selva e não enjaulados. As pessoas então deixaram de vir e nós ficamos sem dinheiro. Sem dinheiro não havia novos animais, se reduziu o pessoal e ficamos sem seguranças.

KAREN. - Então vieram as pessoas e outras pessoas. Uma massa de gente. Entraram porque quiseram e mataram os animais que ainda estavam vivos.

CAROL.-Eles comiam os animais.

KAREN. - Disseram que tinham fome.

CAROL.- Carne de cavalo, barriga do tigre, as avestruzes, dizem que têm ótimo sabor

KAREN. - E ninguém fez nada.

CAROL. - Multidão na rua, pessoas, a cidade toda. E ninguém fez nada. O tigre foi devorado!

KAREN. Comeram o tigre!

CAROL.- Comeram os tigres e as tartarugas, comeram as girafas e se não comeram os lagartos foi porque os bichos tiveram intuição e não saíram do lago. Se fizeram de peixes, não saíram nunca. Dizem que se afogaram. E depois o povo, cansado de esperar, foi buscar o mais importante.

KAREN. O urso panda?

CAROL.- O unicórnio (*escutamos a "Apassionata" de Beethoven, Diminuem a música e a luz*). Queriam provar algo que nunca tivessem comido. Algo novo, excitante, algo inocente.

KAREN.- Nunca soube que havia um unicórnio.

CAROL.- Estava naquela jaula, na área dos unicórnios.

KAREN. - Disse que era grande? Que tinha grossas patas?

CAROL.- Ele adorava passear pela jaula e mergulhar na água.

KAREN.- Esse era o rinoceronte.

CAROL. Não, o rinoceronte é muito diferente. O rinoceronte é como um porco imenso. Esse era como um cavalo, que gostava de relinchar como um cavalo (*vemos a silhueta do unicórnio, que ocupa o cenário*) como um cavalo maltratado, mas cavalo. Tinha um chifre prateado e todos os chamavam por outro nome porque jamais haviam visto algum como ele.

KAREN. O que aconteceu com o unicórnio?

CAROL. -Uma bomba destruiu seu corpo quando se comemorava o Natal.

Música. Desaparece a imagem do unicórnio. Pablo entra e se senta. Fala com a pessoa com quem têm falado os personagens durante todo o tempo.

PABLO.- No começo, você se sente como em constante julgamento. As pessoas vêm e vão fazendo perguntas e encontrando respostas sobre a tua condição, sobre quem você é, sobre o que você pensa.

CAROL.- Pensamos que conhecemos as pessoas porque aprendemos a

pensar em orações feitas. Em frases feitas. Com idéias prontas.

PABLO. Durante estes instantes você vai perdendo a memória. Primeiro aos poucos. Um pouco em um dia, outro pouco na semana que vem, para depois reencontrá-la em fragmentos como se fossem velhas fotos que contam a vida de outro como se fosse você. Uma vida em que agora você não pode determinar nem a data nem os lugares nem as pessoas.

KAREN.- Chamam isso de ataque de pânico, é uma doença incurável.

CAROL. - Outros chamam de ódio e também é uma doença incurável.

PABLO.- Ou o complexo do urso panda. Quando você se apaixona pela morte só porque te observam com piedade.

Reduzem as luzes totalmente. Só ficam três pontos de luz, um para cada personagem.

CAROL.- Há 15 anos fui até o cachorro morto e comecei a chorar, Como agora que vejo papai só e sinto tanta pena por ele e por mim (*olha para sua mãe e seu pai*). Espero que os dois estejam sempre comigo

Carol desaparece na escuridão.

KAREN.- Depois de 15 anos posso finalmente fazer com que minha vida seja outra. E tudo por dois amores e um bicho que fecham e abrem esta história (*olha para sua filha e para Pablo*). Espero que os dois estejam sempre comigo.

Karen desaparece na escuridão.

PABLO (resignado, com pena) – Eu só espero que as duas estejam sempre comigo (antes de escurecer, apavorado). Para me ajudar a enfrentar os monstros.

Novamente barulho de animais, fica apenas a figura do unicórnio.

Escuridão total.